Master Negative Storage Number

OCI00048.31

Motta, Ricardo da

A lyra elegante

[S.1.]

[18--]

Reel: 48 Title: 31

BIBLIOGRAPHIC RECORD TARGET
PRESERVATION OFFICE
CLEVELAND PUBLIC LIBRARY

RLG GREAT COLLECTIONS
MICROFILMING PROJECT, PHASE IV
JOHN G. WHITE CHAPBOOK COLLECTION
Master Negative Storage Number: OCl00048.31

Author : Motta, Ricardo da.
Title : A lyra elegante : trovas para canto, piano & guitarra / de Ricardo da Motta.
Imprint : [S.l. : s.n., 18--]
Format : 16 p. ; 16 cm.
Note : Without music.
Subject : Songs, Portuguese Texts.
Subject : Chapbooks, Portuguese.

MICROFILMED BY
PRESERVATION RESOURCES (BETHLEHEM, PA)
On behalf of the
Preservation Office, Cleveland Public Library
Cleveland, Ohio, USA
Film Size: 35mm microfilm
Image Placement: IIB
Reduction Ratio: 8:1
Date filming began: 9.29.94
Camera Operator: CG

A LYRA ELEGANTE



TROVAS PARA CANTO

Piano e guitarra

DE

RICARDO DA MOTTA



TYPOGRAPHIA

8 — Rua do Telhal — 12

LYRA ELEGANTE



TROVAS PARA CANTO

Piano e guitarra

DE

RICARDO DA MOTTA



TYPOGRAPHIA

8 — Rua do Telhal — 12

A LYRA ELEGANTE



TROVAS PARA CANTO

Piano e guitarra

DE

RICARDO DA MOTTA

TYPOGRAPHIA

8 — Rua do Telhal — 12

A' memoria do exm.º marquez de Bellas

MOTTE

Ao qu'rido marquez de Bellas
Um tributo de saudade:
O fidalgo portuguez
Repousa na Eternidade!

GLOSA

Amigo, saudoso amigo,
Generoso coração,
Lá na celeste mansão
Foste ter eterno abrigo,
Mas levaste-nos comtigo
D'esse affecto as flores bellas,
As alegrias singelas
D'esses dias jubilosos,
Ficando gratos, saudosos,
«Ao qu'rido marquez de Bellas!».

N'sses mundos d'além-mundo
Escuta os eccos de affecto,
Amigo nobre e dilecto
Legaste pezar profundo!
O transe doroso e fundo.

Deixára na soledade
Quem com pura lealdade
Te votára sympathia,
Restando, em vez de alegria,
«Um tributo de saudade!»

De lembrança e gratidão
E' sincero, intimo preito
Que a saudosa voz do peito
Dedica com affeição!
Ergâmos nobre padrão
Ao que tanta e tanta vez
Converter as maguas fez
Em jubilos, riso e gloria!
Ha de viver na memoria
«O fidalgo portuguez!»

Qual póde acaso esquecer
Aquellas tardes brilhantes,
Essas festas deslumbrantes,
Aureoladas de prazer!
Quem não ha de ora tecer
Da tristeza na anciedade
C'rôa eterna de saudade
Ao cavalleiro ufanoso
Que após triumpho radioso
«Repousa na Eternidade!»

As duas estrellas dos Colyseus

MOTTE

A Zephora e Giraldine,
Tão bellas, tão attrahentes,
São dois gentis corações,
São duas almas ardentes!

GLOSA

Oh se eu fôra trovador,
A's duas beldades novas
Dedicava dôces trovas,
Abrazado em vivo amor!
A Zephora é bella flôr,
Mimosa, elegante, fina,
Que a linda mão crystalina
Ao alto trapezio lança!
Inspiram amor, esp'rança
«A Zephora e *Giraldina.*»

Oh Giraldine mimosa,
Que mil almas presas deixas,
Com tuas lindas madexas
Cahidas em forma airosa!
A multidão anciosa,

Cá as lusitanas gentes,
Os peitos os mais ardentes
Soltam *bravos* rutilantes
A's artistas deslumbrantes,
«Tão bellas, tão attrahentes!»

Nas duas grandes arenas
Das suas grandes victorias,
Colhem brilhantes glorias,
Ai leves quaes duas pennas!
Noites frias ou amenas
Todas dão mil ovações,
Todos votam affeições
A essas estrellas gentis,
Que em idades juvenis
«São dois gentis corações!»

Só lamento a triste sorte
D'essas perolas radiosas
Quererem ser desditosas
Em tal *duello de morte!*
Se o vento mudasse ao norte,
Essas artistas ingentes
Em triumphos esplendentes
Dariam abraço terno...
Mas o quê?! mesmo no inverno
«São duas almas ardentes!»

Arpejos de Cintra e Cascaes

MOTTE

Amo as aves em seus ninhos,
Amo as brisas de Cascaes...
Amo do Porto os bons vinhos,
Amo as festas bachanaes!...

GLOSA

Pela Cintra verdejante,
Por Byron tão exalçada,
Por essa Cintra encantada
Fulge o bom-tom elegante!
Eu amo o sol radiante
Dourando esses outeirinhos,
Da fonte dos passarinhos
Amo o magico frescôr,
Amo os poemas de amor,
«Amo as aves em seus ninhos.»

De Estephania, a linda villa,
Tenho perenne saudade:
Na buliçosa cidade
A lua assim não scintilla!
Quanto me lembra de ouvil-a

Terna canção dos casaes,
E p'la tarde em Setiaes
De amor que brandos olhares!
Amo a várzea de Collares,
«Amo as brisas de Cascaes...»

Que me empreste a lyra o vate
P'ra te cantar, oh Peninha:
Teu parque da Cintra minha
Matisado de escarlate!
Na quinta de Monserrate
Que atapetados caminhos,
E a trinar os passarinhos
Nos copados arvoredos:
Eu amo os doidos folguêdos,
«Amo do Porto os bons vinhos!»

Eu amo o meu Portugal
Vendo-o á beira-mar plantado,
E' qual jardim encantado
Com a flor da capital!
Cintra, dôce roseiral,
E o *Duche* com seus crystaes,
Nymphas meigas de Cascaes
Amo na praia arenosa,
D'esta vida côr de rosa
«Amo as festas bachanaes!...»

A andorinha

MOTTE

A azul-ferrete andorinha
Traz do rio no biquinho
Humido, viscoso barro,
Quando vem formar o ninho.

GLOSA

Eu amo a terna canção
De encantado rouxinol,
Quando ao rebrilhar o sol
Rejubila o coração!
Causa-me dôce impressão
Outra mimosa avesinha
Que da innocencia é rainha,
E linda, meiga, gentil,
E' companheira d'abril,
«A azul-ferrete andorinha.»

Tão fagueira, tão constante,
Na primavera mimosa
De andorinha donairosa
Oh que vôo tão brilhante!
Vens de terra tão distante

Sem te olvidar o caminho,
E's mimoso passarinho
Inspirando os ternos vates,
Torrõesinhos escarlates
«Traz do rio no biquinho.»

Entre o musgo dos telhados
Lá vens próvida fazer,
Com gorgeios de prazer,
Teus ninhos acalentados;
N'esses dias perfumados
Em que o sol já sécca o barro,
Com que ventura eu agarro
Uma avesinha celeste,
Quando o campo já não véste
«Humido, viscoso barro!»

Este meu canto singelo
E' filho d'esta alegria
Que me causa essa harmonia
De teu gorgeio tão bello!
Oh que dulcissimo anhelo
Que sinto ás vezes sósinho,
E a scismar não advinho
O que hei de mesmo scismar...
Que louçania a voar
«Quando vem formar o ninho!»

Saudade

MOTTE

Se eu morrer, grava na lousa,
Com fé firme e com valor,
Doze letras de saudade
Que digam:—Morreu de amor!

GLOSA

Já esses dias ditosos,
Radiantes de fulgôr,
Nos horisontes de amor
Já não rebrilham viçosos!
Nem teus olhos amorosos,
Oh fagueira mariposa,
(Meu e teu ideal repousa!)
Nem teus olhos já contemplo!
—A tua alma era o meu templo!
«Se eu morrer, grava na lousa!»

Era nobre esta paixão
Nascida do intimo d'alma:
Eu dei-te de amor a palma,
Dei-te affecto e coração!
Dei-te culto, adoração,

Foste o meu anjo de amor,
Mas d'esta affeição em flor
Ai desfolharam-se as rosas,
Com esp'ranças radiosas,
«Com fé firme e com valor!»

Com os regêlos do inverno
De amor não rebrilha o sol,
E o saudoso rouxinol
Não modula um canto terno!
Só meu cantar é eterno
Nas trevas da soledade,
No frescôr da mocidade,
N'esta amargura sem fim,
Sem já ler de um seraphim
«Doze letras de saudade!»

Adeus meiga primavera,
Quadra de paz e de riso!
Adeus dôce Paraizo
Que em vida um anjo me déra!
Foi tudo illusão, chimera,
Só resta a profunda dôr!
Resta um sol sem esplendor
Entre os cyprestes frondosos...
Restam os eccos saudosos
«Que digam:—Morreu de amor!»

Adeus!

MOTTE

Quem se viu como eu me vi,
Quem se vê como eu me vejo,
Perde tedo o gosto á vida,
Só da morte tem desejo!

GLOSA

Dos meus dias venturosos
Hei de ter saudade eterna:
Com minha deidade terna
Oh que dias deliciosos!
Que tempos tão jubilosos,
Que lindas paginas li
N'esse livro que eu abri
Em dias encantadores!
Navegou em mar de flores
«Quem se viu como eu me vi!»

Offuscou-se a luz de esp'rança
E nublou-se um ceu d'amor:
De teus annos no verdor
Succumbes meiga creança!
Entre os seraphins descança

Que era d'elles o desejo!
Mas no mundo apenas vejo
A imagem de affectos meus,
Dizendo-te eterno adeus
«Quem se vê como eu me vejo!»

Foste o meu anjo adorado
A quem dediquei meu culto;
O teu sympathico vulto
Tem-o minh'alma gravado!
Não olvido esse passado,
Linda pomba estremecida,
Oh mimosa flor pendida,
Dos meus dias dôce aurora!
Quem perdeu prazer d'outr'ora
«Perde todo o gosto á vida!»

Nem buliçosos recreios,
Nem os dourados encantos
Vem seccar ardentes prantos,
Saudoso de almos enleios!
Só as aves em gorgeios,
Alegres folgando vejo,
Tudo emfim quanto antevejo
Tudo saudade me diz!
Quem perde um anjo feliz
«Só da morte tem desejo!»

Segredos da campa

MOTTE

Os ventos que á noite zunem
Nas crustas dos arvoredos
Sabem, sim, mas não revelam
D'aquella campa os segredos!

GLOSA

Quando por noite de inverno,
Toldada, sombria, agreste,
Na infinda mansão celeste
Não fulgura o astro terno:
Ai! quando ao seio materno
Os tenros filhinhos se unem
Na idade em que se não punem
Mas que se cobrem de beijos,
Ouvir são os meus desejos
«Os ventos que á noite zunem!»

E' mais grata ao coração,
Mais que a ruidosa folia
A terna melancolia
Que o êrmo tem por irmão!
Tem mais mimosa impressão

Que os buliçosos folguêdos,
São sinceros seus segredos,
São de amor as suas fallas,
Que ella quiz deixar as galas
«Nas crustas dos arvoredos!»

Ditoso de quem a sorte
Conduzira á solidão,
Onde pulsa o coração
Sem temor jámais á morte!
A alma então é mais forte
Se da vida os mares se encapellam,
Se alli sós os tristes velam
Erguendo ao ceu olhos lêdos,
Da soidão ternos segredos
«Sabem, sim, mas não revelam...»

Lá entre os goivos saudosos,
Entre a rama cyprestal,
Nem um ecco festival,
Nem sons de hymnos buliçosos!
Só martyrios dolorosos
Sob os tristes arvoredos!
Nem sorrisos, nem folguêdos
No morada da tristura!
Encerram toda a ventura
«D'aquella campa os segredos!»